



Equipes de Nossa Senhora

**EQUIPES DE NOSSA
SENHORA
SUPER-REGIÃO BRASIL
II SESSÃO DE FORMAÇÃO
NACIONAL
2015**



A REUNIÃO DE EQUIPE

I-INTRODUÇÃO

A Reunião de Equipe sempre foi um assunto que mereceu constante cuidado do Movimento, visando preservar sua identidade e sua pureza original, tanto assim que, nos últimos anos, o Movimento lançou um documento e um tema de estudo a respeito.

Pode-se afirmar, que Pe. Caffarel e os membros do então Centro Diretor idealizaram uma Reunião de Equipe com uma estrutura simples, objetiva e com propósitos claramente definidos.

As cinco partes que a compõem contêm os elementos necessários para que os membros da equipe façam a experiência da vida em comum, construam os alicerces para a vivência do amor de Deus e finquem as bases para descobrir a beleza do ser casal.

É importante descobrir o significado de cada uma dessas cinco partes e do conjunto que elas constituem, de tal forma que, bem vivenciando-as, seja possível confiar na sua eficácia e dispensar acréscimos que são mais próprios da piedade pessoal de um ou outro Casal Responsável, ou mesmo frutos do não entendimento do que seja criatividade. Criatividade não significa apenas criar coisas novas, mas significa reinventar as coisas que já existem, evitando a rotina ou a perda de sua substância fundamental.

Pe. Flávio Cavalca de Castro, que foi nosso conselheiro espiritual durante nosso serviço na Super-Região Brasil, fez uma palestra muito interessante, onde mostra os exageros, os penduricalhos que vão sendo incorporados à Reunião Mensal e explica cada uma das razões pelas quais isso deve ser evitado. Esses acréscimos acabam não só por alongar a duração da reunião, mas principalmente por prejudicar o tempo das partes essenciais, chegando a ofuscar um ou outro desses 5 momentos.

Essa palestra do Pe. Flávio está no site das ENS e vale a pena ser escutada e refletida. Ali ele cita alguns exemplos: Procissão de entronização da Bíblia, longa oração à Nossa Senhora da Equipe etc

Assim como Pe. Flávio, não pretendemos aqui entrar no mérito se esses acréscimos são em si mesmo coisas boas, piedosas e até meritórias. Apenas queremos salientar que seu lugar não é na reunião de Equipe e deixar claro que o Movimento se dá por satisfeito se os casais conseguirem vivenciar bem as nossas cinco partes: Oração, Partilha, Coparticipação, Tema de Estudo e Refeição. Ficaremos felizes se, ao final desta conversa, tivermos conseguido salientar o valor das 5 partes propostas para a Reunião.

II- A PRESENÇA DE JESUS

Lembra-se que em certa ocasião, Padre Caffarel foi questionado por alguém que lhe disse: se o Sr. Estivesse para morrer sobre o que gostaria de deixar fixado no coração dos equipistas, como a coisa mais importante, como uma mensagem final. Pe. Caffarel, pensou em vários assuntos: espiritualidade conjugal, a riqueza do sacramento do matrimônio, etc., mas acabou escolhendo escrever sobre a Reunião da Equipe. Foi uma espécie de testamento espiritual. Assim, não há dúvida que a Reunião de Equipe é o momento mais importante da vida de uma Equipe de Nossa Senhora.

Vocês que participam desta Sessão de Formação constituem um grupo seletivo. Já possuem uma experiência e uma formação mais sólida, que lhes permite perceber com facilidade o mistério da presença de Jesus Ressuscitado junto aos casais reunidos na sala de uma casa.

É verdade que nem sempre podemos notar de forma sensível a presença de Cristo em nossas reuniões mensais. Mas essa presença será sempre viva se duas condições coexistirem: QUANDO DUAS OU MAIS PESSOAS ESTIVEREM REUNIDAS, MAS REUNIDAS EM NOME DE CRISTO.

Numa reunião de equipe somos muito mais que três pessoas reunidas. Mas não basta estar reunidos por um bom motivo. É preciso que o motivo seja Jesus, por amor a Ele, para o encontrar. Esta é a razão de ser de uma Reunião de Equipe. Se faltar o desejo de uma equipe de se encontrar em profundidade com o amor de Jesus, e de segui-lo, essa equipe estará fora do rumo.

Ao refletirmos sobre a Reunião de Equipe, o primeiro passo é tentar purificar as intenções. O que vamos lá fazer? O que vamos buscar? Ou levar?

Deus quis formar um povo e o projeto da salvação é um projeto comunitário. O Movimento também nos propõe a experiência de uma vida comunitária e isto acontece fundamentalmente na reunião de Equipe.

Numa comunidade eclesial vinculada à pessoa de Jesus Cristo e irmanada na fé, há condições especiais para ele se fazer presente.

Os casais ali reunidos, unidos pelo sacramento do matrimônio, são o sinal representativo do amor nupcial de Cristo-Esposo pela sua Igreja-Esposa. Por sua vez, o SCE tem também uma função sacramental, que é a de tornar viva a presença de Jesus. O que mais o Movimento espera dos SCE não é tanto a sua sabedoria, o seu saber teológico, ou a sua experiência pastoral. Pede-lhes que sejam na equipe os verdadeiros representantes de Jesus Cristo, que tornem verdadeira e real a presença de Jesus junto àquela equipe.

Se estes requisitos estiverem na reunião de equipe, sem dúvida ela será uma celebração: suas partes, seus ritos e seus membros formarão uma comunidade eclesial que celebra o mistério pascal de Cristo, a história da nossa salvação.

A reunião de equipe deve ser uma festa: pois festa significa a valorização de determinado acontecimento. Vamos a ela felizes e alegres, pois teremos a certeza de ali encontrar o amor de Deus que se revela na convivência fraterna, no pôr em comum, nas trocas de experiência, no cotejo dos esforços para progredir.

III- PREPARAR-SE PARA A REUNIÃO

Não iremos tratar aqui da reunião preparatória, apesar da sua grande importância. Referimo-nos a como nos preparamos para ir a uma reunião: pessoalmente e como casal.

Preparar-se para a reunião é dispor-se a ter nela uma PARTICIPAÇÃO FRUTUOSA E NÃO APENAS CONSUMISTA. Quantas vezes chega-se à reunião de mãos vazias. Ou então levamos uma bagagem de meras superficialidades e deixamos em casa, ou escondemos os verdadeiros tesouros. O estudo do tema em casal, a resposta escrita, a vivência dos Pontos Concretos de Esforço, a experiência cotidiana da espiritualidade conjugal, tudo isto faz parte da nossa preparação. Sem eles, não teremos condições apropriadas de celebrar a vida na reunião de Equipe, e ela não poderá ser uma festa.

IV- A REUNIÃO MENSAL: ENCONTRO COM JESUS

Há mais de 10 anos ouvimos uma palestra intitulada “O EVANGELHO E O CASAL”, dada por Maria Carla e Carlo Volpini, que antecederam Tó e Zé na responsabilidade pela ERI. Nessa palestra eles partem do conceito da casa e da presença de Jesus em várias casas e fazem a ligação com a vivência do casal e dos PCE.

Refletindo sobre como lhes falar de cada uma das cinco partes de uma reunião de equipe, como salientar o seu valor, sem ficar no “beabá das formas” chegamos à conclusão de que poderíamos usar esse mesmo método de reflexão aplicando-o agora à Reunião de Equipe..

Por que será que o Movimento propôs que os casais se reunissem em suas próprias casas, e não nas Igrejas, ou nos salões paroquiais, ou em qualquer outro local?

Seguramente as primeiras comunidades cristãs se reuniam nas casas de família.

Encontramos na fala dos Volpini a seguinte frase, que propomos vocês leiam conosco, pausadamente, e pensem neste instante na sua própria casa: ***“A casa, lugar do nosso aconchego, do nosso espaço. Lugar***

do tempo que passa, centro da nossa vida, onde os sentimentos, as emoções e as preocupações se entrelaçam.

Que casa nos oferece todos estes encantos interiores? Sem dúvida, aquela onde vivemos, como casal; onde projetamos nossa vida, casa que se abre para acolher parentes e amigos, casa sinônimo de refúgio, frente à luta do cotidiano.

Talvez, na nossa experiência pessoal, possamos ter morado em duas ou mais casas, sem contudo pensarmos que uma tem mais significado que outra. Talvez porque, sem o saber claramente, temos consciência que a casa somos nós próprios e que a nossa própria história aí se desenrola”.

E as reuniões de equipe acontecem nas diferentes casas, porque é algo que nos proporciona um percurso de vida, que integra o nosso cotidiano pessoal e conjugal.

Interrogamo-nos, então, se toda esta riqueza ou toda a problemática que vivemos em nossas casas, poderá ser partilhada, com Jesus e através dele, com nossos irmãos de Equipe.

E descobrimos que sim, pois Jesus, em sua vida humana, entrou em muitas casas, e em cada uma delas deixou um sinal particular, a sua graça especial. Acreditem, meus irmãos: se Cristo entra na casa onde se realiza uma reunião de equipe, alguma coisa acontece de especial, porque não se entra nem se sai de uma casa onde esteve Jesus sem ficar um pouco transformado.

Nós os convidamos a fazerem parte da comitiva de Jesus em algumas casas que Ele visitou e, quem sabe, possamos identificar como Jesus atua nas várias partes das nossas reuniões mensais.

1. MOMENTO DA ORAÇÃO EM COMUM

A casa de Betânia (Lucas 10,38-42)

Quando Jesus chega em Betânia, espera-o um grupo de amigos: Maria, Marta e Lázaro. Seguramente era uma família hospitaleira, e ali deveriam estar reunidos outros amigos. De qualquer forma era uma família ativa e cheia de vida, mas o Evangelho coloca foco apenas nas duas irmãs. Marta era uma pessoa dinâmica. E em casa é ela que mais trabalha, desejosa de mostrar a Jesus como é grande a alegria de tê-lo entre eles. Prepara-lhe a refeição, oferece-lhe o que há de melhor e certamente entre uma tarefa e outra ela também escuta alguma coisa e também fala com Jesus.

Maria prefere se colocar aos pés de Jesus, saborear a sua presença, e tirar o maior proveito. As duas irmãs parecem representar duas maneiras opostas de acolher o Senhor.

Nas nossas reuniões temos um momento especial reservado à ORAÇÃO EM COMUM: a escuta da Palavra, orações pessoais a partir dela, a coleta das intenções, a oração litúrgica (esta aqui tem

importância capital para nos colocarem ligação com a Igreja, da qual fazemos parte indissocial), o Magnificat.

A busca do encontro com o Senhor pela oração sempre foi um empenho sério da proposta do nosso Movimento. E para isso é preciso estabelecer o relacionamento íntimo de oração.

É preciso aspirar **ESTAR COM JESUS**. Na casa de Betânia, Jesus advertia a Marta: “Marta, Marta, você se preocupa com tantas coisas, porém uma só é a necessária, e Maria descobriu a melhor parte e esta não lhe será tirada”.

Chegamos a uma reunião com a cabeça a mil por hora, deixamos nossos filhos, temos problemas a resolver. Às vezes chegamos agitados, cansados. É preciso aprender a silenciar, aprender a escutar, sentar-se ao pé de Jesus, ser um pouco Maria e não tanto Marta. Pe. Caffarel insiste demais nesse encontro vital com Jesus. Sem Deus na nossa vida não somos nada.

É indispensável nesta parte da reunião uma **ATITUDE DE ESCUTA**.

Escutar Jesus que fala através das Escrituras, mas também através da palavra do irmão de equipe. Escutar Jesus, mas também conversar com ele. Isto faz nascer em nós um clima de ternura e de acolhida. O amor de Deus invade o nosso coração e nos prepara para vivera comunhão e a plenitude.

A escuta de Jesus, na oração, rompe as barreiras do indiferentismo, amplia nosso campo de visão. A oração nos permite compreender a pessoa do outro, respeitar sua individualidade, suas diferenças, seu ritmo de caminhada. Permite-nos descobrir o que os olhos não vêem, mas que o coração enxerga.

2. O ESTUDO DO TEMA

A casa de Simão (Lucas 7,36-50)

Simão, um fariseu, convida Jesus à sua casa. Esse convite parece nascer do desejo de conhecer um homem que estava fazendo sucesso na praça. Porém, nesta casa passa-se alguma coisa de inesperado: uma prostituta entra nela, enfrenta as convenções sociais, prostra-se aos pés de Jesus, lava-lhe os pés com as suas lágrimas e enxuga-os com os seus cabelos. O fato perturba os presentes: como é possível que um profeta, que se diz Filho de Deus, deixe-se tocar por uma prostituta?

Jesus não perde a postura e entra com a sua pedagogia. Parece lançar alium tema para estudo, a parábola dos dois devedores. Em seguida coloca uma pergunta para ser respondida: “Simão: quem amou mais?”

Quem de nós não se prende também a aparências e formalismos, vivendo fantasias longe da verdade? Quem de nós não teve arroubos de se julgar superior aos outros? Quais equipes, às vezes, não dão espaço para a prática do perdão entre nós, como pessoas, como casal, como pais?...

Quantas interrogações sobre o agir de Deus nos colocam os problemas da vida: um filho desencaminhado na droga, uma filha com gravidez precoce, uma doença grave, um aperto financeiro. Que dizer então das nossas incoerências entre a fé e a vida, as vezes que nos deixamos prostituir nas mais diferentes formas e sentidos?

Deus se importa conosco? Deixa-se tocar apesar das nossas impurezas?

No momento do estudo do tema, Jesus vem iluminar a problemática do mundo com a sua verdade. Faz-nos, pouco a pouco, ir descobrindo a sua maneira de agir e de amar.

No estudo do tema, vamos percebendo a ação de Jesus no meio dos pecadores que somos nós mesmos. Jesus adentra nossas casas, deixando-se tocar para nos tocar, para nos curar, para nos perdoar.

Mas, como aconteceu naquela casa, o estudo do tema proposto por Jesus teve momentos precisos. O momento de reflexão, a discussão teórica do problema, a resposta e a conclusão. “Simão, respondeste bem”, disse Jesus. Mas é preciso aplicar a resposta à vida concreta. E Jesus continua a ensinar Simão no contexto do que ali acontecia. A história nós conhecemos. (Eu entrei nesta casa e você não me lavou os pés, não me ungiu etc. Esta mulher me lavou com suas lágrimas, enxugou-me com seus cabelos, ungiu-me etc. Ela muito amou e por isso muito lhe será perdoado).

O estudo do tema haverá de nos levar a incorporar os valores daquilo que estudamos e a graça de Jesus estará presente também neste momento, não para enviarmos respostas bonitas, mas para sermos capazes de mudar nossa vida: “Vai em paz e não tornes a errar”.

3. A COPARTICIPAÇÃO

A casa de Jericó (Lucas 19,1-10)

Zaqueu vive em Jericó, é um homem rico,

Tem tudo, mas não está satisfeito; sente que alguma coisa está errada, e põe-se à procura... Nós também, como Zaqueu, sentimos que estamos no meio de uma confusão, andamos à procura de alguma coisa diferente. Como Zaqueu queremos ver quem é esse tal Jesus, mas, como Zaqueu, mantemo-nos à distância, estamos como ele subindo num sicômoro. No meio da multidão ouve-se a palavra de Jesus e ela soa inacreditável aos ouvidos de Zaqueu: “Zaqueu desce depressa, pois é preciso que hoje eu permaneça em tua casa”. Este é o convite que Jesus dirige a cada um na coparticipação. Jesus permanece na sua casa, para que você possa fazer a avaliação da sua caminhada, decidir com Ele por onde seguir, o que você deve se tornar, como progredir na fé, de que forma ser testemunha. Dona Nancy, sempre dizia uma frase que nos impressionava: “Deus se alegre hoje com aquilo que você pode vir a ser no futuro, se você lhe disser o seu sim”.

No coração de Cristo vamos colocar nossas preocupações humanas, nossos desejos de progressos, pedir ajuda para resolver os problemas e ajudar os que precisam de nós.

O nosso envolvimento no momento da coparticipação haverá de ser, sem dúvida, criar um ambiente para a ajuda fraterna.

Quando Jesus disse “tenho de permanecer em tua casa”, Zaqueu encheu-se de alegria, sabia que, acolhendo Jesus, encontraria o sentido da vida que ele procurava.

Somos capazes de acolher Jesus com alegria, para dar um outro significado à nossa vida, mesmo quando na coparticipação ele inspira alguém a nos puxar a orelha na correção fraterna, ou temos de suportar aquele problema tantas vezes repetido por um irmão?

As experiências da coparticipação alargam os nossos horizontes, fazem-nos amadurecer. Contudo, sabemos que somos chamados a viver na ótica de uma transformação constante, de um salto de qualidade tanto em relação à fé, como à vida. Mas, sabendo que somos mais fracos do que imaginamos, contamos com o auxílio mútuo dos nossos irmãos. Através desse espírito fraterno que indica a vitória da caridade Jesus ali permanece e aí faz morada. Onde reina o amor, Jesus ali está.

4. O MOMENTO DA REFEIÇÃO

A casa emprestada para a Ceia (Lucas 22, 7-20)

Jesus montara a sua própria equipe e durante três anos a pilotara pelas vias e pelas vilas da Galiléia, da Judéia, da grande Jerusalém. Amava profundamente aqueles homens rudes, duros de coração, que também o amavam, que o seguiam, que eram seus amigos.

Estava chegando a hora mais importante da trajetória de Jesus, iria se realizar aquilo para o qual ele veio: dar sua vida.

Mas ele trazia no coração um desejo ardente: “Desejo muito comer esta ceia com vocês”.

Jesus sabia que não haveria mais tempo para nada. Precisava estar junto naquele último momento, deixar-lhes o seu testamento, encontrar um jeito de se perpetuar entre eles.

E veio o lava-pés e com ele a lição do serviço. Veio a Eucaristia e com ela a vida eterna. Veio o testamento e com ele a nossa herança: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”.

Na refeição fraterna de uma reunião de equipe, precisamos evocar e fazer memória de tudo o que aconteceu naquela noite santa, numa casa desconhecida em Jerusalém.

É preciso ter o imenso desejo de celebrar a amizade e o amor que nos une. Não existe melhor lugar para os amigos se encontrarem do que ao redor de uma mesa. O que vamos comer é o menos importante, e a simplicidade é um santo ingrediente.

É importante vir também com outra fome, a do amor; fome de partilha e de serviço ao irmão.

A atitude de serviço vem concretizada neste momento, na partilha dos nossos alimentos, no carinho com que o preparamos ou o oferecemos, na alegria com que conversamos, no interesse e na atenção a que nos dispomos.

Esta refeição deve evocar as exigências da Eucaristia que vivenciamos nas nossas missas. Somente na Eucaristia vamos beber da verdadeira fonte que leva à construção da comunidade e a lei do amor maior deve ser o alimento que se faz presente em cada prato de comida, em cada palavra, em cada gesto daquela equipe.

Mais uma vez, tenhamos certeza, Jesus anseia estar conosco à mesa.

5. A PARTILHA

A casa de Caná (João 2,1-8)

Estamos na casa de Caná. Aqui se celebra um casamento. Queremos partilhar a alegria deste amor, que se pode comparar ao nosso. Os convidados eram muitos e o evangelista João diz: “a mãe de Jesus estava lá. Jesus também tinha sido convidado, assim como os discípulos”. Os noivos de Caná somos nós, casais, na alegria, mas igualmente na fragilidade do nosso amor.

De repente, podemos nos surpreender no meio da nossa festa, não mais na festa dos noivos de Caná: “Não há mais vinho”.

A casa de Caná é o lugar da amizade, lugar de superação, onde amar significa partilhar a alegria das coisas belas ou das lutas, deficiências ou dificuldades. Eles não têm mais vinho.

Mas, o que fazer? Quem teria condições efetivas de ajudar? Nossa Senhora toma a dianteira: “Fazei tudo o que meu Filho lhes disser”.

Na reunião de equipe, o momento da partilha é o lugar onde todos os meses sentimos a atmosfera da casa de Caná, o lugar onde os casais são convocados por Jesus a celebrar seu matrimônio num espírito de renovação do seu “sim”, onde vêm ao encontro do amor de Deus que Jesus nos revela com verdade e precisão. Afinal, transformar água em vinho não é um “conversão”, a mesma conversão que Jesus faz conosco, convertendo o nosso coração de pedra em coração de carne?

Com efeito, a espiritualidade conjugal é um caminho de lutas, de buscas, de esforços, de conversão diária.

O certo é que a nós, casais equipistas, através do Movimento, Jesus nos pede uma água especial: a vivência dos Pontos Concretos de Esforço. Mas como somos fracos e relaxados!

A casa de Caná deixa à mostra nossa impotência, põe em xeque fragilidade. Acabou o vinho. Mas dá-nos a certeza de que, se Jesus está presente, nada pode faltar. Jesus dá jeito às coisas, mas pede a nossa colaboração. A nossa partilha torna-se a casa de Caná se enchermos as talhas. Que água é essa que Jesus nos pede? São as águas de nosso esforço, da entreatjada fraterna e das três atitudes interiores que vamos aprendendo a assumir:

a) Atitude de abrir-se ao Amor e à Vontade de Deus. Jesus vem para revelar o amor do Pai, um amor sem condições, gratuito e definitivo.

b) Atitude de Busca da Verdade: tirar as máscaras, não se deter na superficialidade, mas ir ao fundo do confronto de nossa vida com a verdade única e absoluta de Deus.

c) Atitude de Encontro e de Comunhão: reconhecemos que não estamos sozinhos, que somos dependentes dos outros e necessários uns aos outros.

A partilha é o coração da reunião de equipe. Não é momento de cobrança, nem de fiscalização (por que vocês deixaram faltar o vinho?). Não é contabilização de perdas ou ganhos (quantos litros de vinho foram consumidos, ou quantos ainda temos?).

É o momento de ir mais longe, dar as razões dos esforços que fizemos, dos resultados obtidos, dos insucessos ou dos descasos. É aí que o interesse de cada um é importante: alguns já passaram pelas mesmas dificuldades, quem sabe já encontraram meios adequados que poderão nos aconselhar.

Quando, pois, o Movimento nos fala em atitude, significa que não se trata de apenas cumprir ou deixar de fazer cada um dos 6 PCE, mas de adotar ATITUDES DE VIDA que nascem a partir da vivência desses pontos, e que vão nos transformando.

De nada adianta cumprir obrigações se elas não nos levam a uma conversão, se não nos transformam.

Podemos cumprir todos os PCEs e continuarmos exatamente os mesmos. Se isto acontece é porque não assimilamos qualquer atitude.

A presença de Jesus na casa de Caná ao resolver o grave problema daquela festa de casamento nos recorda que transformar água em vinho da melhor qualidade é fazer da mediocridade de nossa vida um trampolim para a santidade conjugal para a qual fomos criados.

V-CONCLUSÃO:

Percorremos com Jesus diversas casas onde ele esteve e esperamos que tenhamos descoberto como ele transformou as realidades daquelas pessoas, como ele respondeu suas necessidades.

As casas que visitamos, a casa onde vivemos, as reuniões de equipe em nossas casas, os métodos oferecidos pelo nosso Movimento, cada uma dessas cinco partes da reunião nos levam a constantes transformações.

A reunião de equipe, como nos disse o Pe. Caffarel, é o ponto alto da vida de uma equipe.

Porém, a reunião não acaba quando termina.

A bênção final do SCE é apenas o envio para o compromisso de viver nas nossas realidades todo o amor que ali acolhemos.

Jesus também nos convida: “Vem e segue-me”. Ao mesmo tempo em que nos convocou para a reunião dizendo: “vem”, diz também: “segue-me”, na perspectiva da nossa missão.

“Vem” para esta proposta de vida em comunidade e “segue” evangelizando tantos outros casais que vivem sem esperança.

“Vem” viver com seus irmãos de equipe, “vem” para acolher o amor de Deus, e “segue” partilhando esse amor.

“Vem” para entender o plano que Deus tem para casal cristão e “segue” sendo luz para irradiar a espiritualidade conjugal, e testemunhar o matrimônio é lugar de amor, de felicidade e caminho de santidade.

A reunião de equipe é o nosso tesouro. Possamos vivê-la com intenso entusiasmo, pois onde está o nosso tesouro, aí estará o nosso coração. Obrigado por sua atenção e que Deus seja louvado.

Silvia e Chico